

Cuarteto Casals

 GULBENKIAN
MÚSICA

24 + 25 ABRIL 2018



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VdA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1900
Júlio Henriques há mais de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Associação de Amadores de Música de Lisboa

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Quartetos de Beethoven Parte V

24 ABRIL
TERÇA

21:00 — Grande Auditório

Cuarteto Casals

Vera Martínez Violino

Abel Tomàs Violino

Jonathan Brown Viola

Arnau Tomàs Violoncelo

Ludwig van Beethoven

Quarteto para Cordas n.º 3, em Ré maior,
op. 18 n.º 3

Allegro

Andante con moto

Allegro

Presto

Quarteto para Cordas n.º 2, em Sol maior,
op. 18 n.º 2

Allegro

Adagio cantabile

Scherzo: Allegro

Allegro molto, quasi presto

Quarteto para Cordas n.º 7, em Fá maior,
op. 59 n.º 1, “Razumovsky”

Allegro

Allegretto vivace e sempre scherzando

Adagio molto e mesto

Thème russe: Allegro

INTERVALO

Duração total prevista: c. 2h

Intervalo de 20 min.

Quartetos de Beethoven Parte VI

25 ABRIL
QUARTA

19:00 — Grande Auditório

Cuarteto Casals

Vera Martínez Violino

Abel Tomàs Violino

Jonathan Brown Viola

Arnau Tomàs Violoncelo

Ludwig van Beethoven

Quarteto para Cordas n.º 11, em Fá menor,
op. 95

Allegro con brio

Allegretto ma non troppo

Allegro assai vivace ma serio – *Più allegro*

Larghetto espressivo – *Allegretto agitato* – *Allegro*

INTERVALO

Quarteto para Cordas n.º 13, em Si bemol
maior, op. 130 / 133, “Grande Fuga”

Adagio ma non troppo – *Allegro*

Presto

Andante con moto ma non troppo

Alla danza tedesca. Allegro assai

Cavatina: Adagio molto espressivo

Finale: Allegro

Grosse fugue. Overtura: Allegro – *Meno mosso e moderato* –

Allegro molto e con brio

Duração total prevista: c. 1h 30 min.

Intervalo de 20 min.

Ludwig van Beethoven

Bona, 16 (ou 17) de dezembro de 1770

Viena, 26 de março de 1827

Quarteto para Cordas n.º 3, em Ré maior, op. 18 n.º 3

COMPOSIÇÃO: 1798 - 1800

DURAÇÃO: c. 25 min.

Para o último recital dedicado à integral dos quartetos para cordas de Ludwig van Beethoven, o Quarteto Casals elegeu, como obra de partida, aquele que foi, de facto, o primeiro quarteto a ser concluído, entre os anos de 1798 e 1800. Apesar disso, o Quarteto em Ré maior, op. 18 n.º 3, foi posicionado em terceiro lugar na edição de Tranquillo Mollo (1801), com dedicatória ao patrono de Beethoven, Joseph Franz Lobkowitz. Matizado na tradição classicista, este primeiro quarteto expande as linhas idiomáticas das cordas, por forma a espelhar um leque alargado de sugestões, as quais vão da serenidade e da ternura aos laivos de agitação provocados pelas contingências da vida. Seria, afinal, o estado de espírito do jovem músico que seis anos antes havia chegado a Viena, provindo da sua Bona natal, em busca de um futuro promissor como pianista e como criador. Manifestando já a vontade de se demarcar de uma tradição assente no estereótipo da dança, Beethoven concedeu ao terceiro andamento, *Allegro*, o caráter perscrutador de um *scherza*, expondo, desta forma, a textura de quarteto a novos testes motivicos, rítmicos e também harmónicos. O último andamento, *Presto*, destaca-se pelo seu caráter agitado e virtuosístico, o qual contrasta com a linearidade dos andamentos anteriores.

Quarteto para Cordas n.º 2, em Sol maior, op. 18 n.º 2

COMPOSIÇÃO: 1799

DURAÇÃO: c. 25 min.

Composto logo a seguir ao Quarteto em Fá maior, op. 18 n.º 1, o Quarteto em Sol maior, op. 18 n.º 2, ocupa o terceiro lugar na ordem real de composição dos Quartetos op. 18. Tal como o Quarteto op. 18 n.º 3, o Quarteto em Sol maior reflete os contornos galantes do universo classicista, aproximando-se sobretudo da linguagem de Joseph Haydn (1732-1809). As breves, mas incisivas, figuras ornamentais do primeiro andamento, *Allegro*, como que a descrever algum tipo de mesura ou gesto de reverência, originaram a alcunha de “quarteto dos cumprimentos”, pela qual ainda hoje é conhecido na Áustria. Da primeira parte do *Adagio* cantabile emana uma essência sentimental análoga à do andamento homónimo da célebre Sonata para Piano n.º 8, em Dó menor, op. 13, “Patética”, finalizada no mesmo período. O músico promove depois uma disputa animada entre os quatro instrumentos, antes de regressar à evocativa parte inicial. No seu perfil impulsivo e irreverente, o *Scherzo* quebra as amarras com o Classicismo, colocando um novo desafio técnico e estético, quer aos intérpretes, quer aos ouvintes. No andamento final, *Allegro molto, quasi presto*, Beethoven coloca o acento da música popular, por forma a emprestar alegria e vontade de viver ao discurso musical.

Quarteto para Cordas n.º 7, em Fá maior, op. 59 n.º 1, “Razumovsky”

COMPOSIÇÃO: 1806

DURAÇÃO: C. 40 min.

No presente programa, a fase intermédia de Beethoven encontra-se representada pelo Quarteto n.º 7, em Fá maior, op. 59 n.º 1, “Razumovsky” e pelo Quarteto n.º 11, em Fá menor, op. 95, partituras concluídas em julho de 1806 e maio de 1810, respetivamente. O Quarteto em Fá maior, op. 59 n.º 1 é o primeiro dos três quartetos dedicados ao conde Andrey Kirillovich Razumovsky (1752-1836), embaixador russo em Viena e amigo pessoal do príncipe Karl Lichnowsky, um dos mecenas mais interventivos do seu tempo. Tal como sucede no Quarteto n.º 8, em Mi menor, op. 59 n.º 2, o músico venceu a dedicatória por meio de uma melodia evocadora da cultura russa, ao que se sabe sugerida pelo próprio conde, a qual posicionou na abertura do quarto e último andamento. Os quatro andamentos constituintes do Quarteto op. 59 n.º 1 espelham bem a faceta inovadora – e ao mesmo tempo incompreendida –, de um compositor que se via a si próprio como alguém capaz de transformar definitivamente os rumos da criação instrumental, afastando-os do universo ilusoriamente uniforme dos afetos classicistas, rumo a um horizonte renovado de emoções e dramatismos. Deste modo, abundam na obra recursos como, por exemplo, as notas-pedais simples, duplas ou triplas, as súbitas alterações de textura, o tratamento pontilhistas das tessituras extremas e as passagens fugadas e em uníssono. Tais inovações suscitaram até o ceticismo de músicos proeminentes, mas Beethoven nunca desistiu de abrir novos caminhos.

Quarteto para Cordas n.º 11, em Fá menor, op. 95

COMPOSIÇÃO: 1810

DURAÇÃO: C. 22 min.

Longe de ombrear com o cariz extrovertido e “revolucionário” do Quarteto op. 59 n.º 1, o

Quarteto n.º 11, em Fá menor, op. 95 inflete, ao invés, nos meandros da interioridade, procurando captar os estados psicológicos em constante mutação, como de um drama teatral se tratasse. A composição simultânea da partitura de cena *Egmont*, sobre texto de Wolfgang von Goethe, deixou, com efeito, marca indelével nas texturas deste quarteto, as quais evoluem de uma atmosfera recatada e pontuada por momentos de amargura em direção à expressão triunfante de alegria e conquista. A sua faceta mais “obscura” teve igualmente a ver com o afastamento da jovem pianista austríaca Therese Malfatti (1792-1851), com quem o músico chegara a pensar casar-se, segundo a tese do musicólogo Hugo Riemann. A sensação de isolamento, aliada à tendência para a introspeção e para o reequacionar da vida, terão estado na origem do subtítulo “Quartetto serio”, atribuído pelo próprio compositor.

Quarteto para Cordas n.º 13, em Si bemol maior, op. 130 / 133, “Grande Fuga”

COMPOSIÇÃO: 1825/26

DURAÇÃO: C. 43 min.

Composto entre os anos de 1825 e 1826, o Quarteto em Si bemol maior, op. 130, constitui o corolário da primeira trilogia de quartetos finais, a par com o Quarteto em Mi bemol maior, op. 127 e o Quarteto em Lá menor, op. 132. Os três quartetos foram dedicados ao príncipe russo e violoncelista amador Nikolai Galitzine (1794-1866), com o qual Beethoven estabelecera relações de amizade em Viena. A estreia do Quarteto op. 130 sobreveio na mesma cidade, a 21 de março de 1826, pelo quarteto liderado por Ignaz Schuppanzigh (1776-1830). A estrutura formal pouco ortodoxa, em seis andamentos contrastantes, chegou, assim mesmo, a despertar o interesse de um público ainda muito habituado aos cânones clássicos, mas o sexto e último andamento – a *Grosse Fuge* – foi considerado demasiadamente denso e complexo, pelo que o editor Artaria conseguiu convencer Beethoven a afastá-lo da partitura e a compor, em sua substituição, um novo andamento. A *Grosse Fuge* viria a conhecer



LUDWIG VAN BEETHOVEN. PINTURA DE JULIUS SCHMID, C. 1920 © DR

um destino editorial autónomo como *opus* 133, tendo o compositor elaborado um outro *finale* expressamente para a edição, que teve lugar em maio de 1827.

Do *Adagio ma non troppo* – *Allegro* inicial, moldado sobre intrincada teia de oposições motivicas, Beethoven parte para o furtivo segundo andamento, *Presto*, o qual não é mais do que um *scherzo* estilizado, ornado com “piscares de olhos” à música tradicional. Na mesma linha evocadora da ancestralidade musical germânica sucede-se o terceiro andamento, *Alla danza tedesca*. A encantadora *Cavatina* faz apelo à vocalidade latente de uma lânguida ária de ópera, em torno da qual se sucedem gradações emocionais profundas como ainda não tinham aflorado em texturas para cordas. Em marcado contraste com o andamento anterior, o *Finale* impõe o regresso brusco ao mundo da dança rústica já evocado pelos andamentos precedentes, algo que, segundo alguns analistas, se desvia totalmente do devir artístico que Beethoven idealizara, antes de ter sido “importunado” pelas demandas do seu editor. Exercício sublime de mestria contrapontística, a

Grande Fuga op. 133 encerra, nas suas diferentes secções constituintes, uma chave para a compreensão do último Beethoven, em parte decifrável pela estrutura imitativa intrínseca, em parte enigmática pelas inomináveis ambiguidades que as cordas desvelam a cada arcada, paulatinamente.

Com este grupo de obras de câmara, Beethoven descreveu um passo decisivo em direção à nova era romântica, passo esse que foi devidamente ponderado num quadro de transformação não apenas do idioma instrumental, mas também das mentalidades latentes, que então se mostravam mais permeáveis à mudança, mercê de uma série de acontecimentos de natureza social, militar e política. Disso mesmo deu sinal a pronta replicação de Beethoven à tirada do seu amigo Karl Holz (1798-1858), que considerou o Quarteto op. 130 como o melhor daquele grupo de quartetos: “cada um deles tem o seu estilo próprio! A arte exige que não estagnemos. Irá notar um novo tipo de escrita instrumental e, graças a Deus, existe nestas obras menos falta de imaginação do que anteriormente”.

Cuarteto Casals



CUARTETO CASALS © JGORE.CAT

Para assinalar a temporada do seu 20.º aniversário, o Quarteto Casals definiu um projeto ambicioso: uma integral dos Quartetos para Cordas de Beethoven, em seis concertos, bem como a encomenda e estreia de seis novas obras. Para além da Fundação Gulbenkian, os quartetos de Beethoven estão a ser apresentados pelo Quarteto Casals na Philharmonie de Berlim, no Suntory Hall de Tóquio, no Konserthuset de Estocolmo, no Flagey de Bruxelas e nas Schubertiade Vilabertran. O ciclo integral será também gravado até 2020, ano do 250.º aniversário do nascimento do compositor. Depois de ter vencido concursos em Londres (2000) e Hamburgo (2002), o Quarteto Casals afirmou-se como um convidado regular de prestigiados festivais e salas de concertos como Wigmore Hall (Londres), Carnegie Hall (Nova Iorque), Musikverein de Viena, Philharmonie de Colónia, Cité de la Musique (Paris), ou Concertgebouw de Amesterdão. Tem-se apresentado também regularmente na Fundação Gulbenkian, tendo em 2017 tocado, em quatro concertos, quartetos para cordas de Mozart e Beethoven.

Depois de receber o prestigioso Borletti-Buitoni Trust, em Londres, o Quarteto Casals adquiriu um

conjunto de arcos que utiliza na interpretação do repertório de Purcell a Schubert. Desenvolveu assim uma nova e rica dimensão acústica, refinando a sua capacidade para abordar os diversos estilos musicais. Além disso, retirou importantes ensinamentos do seu trabalho com compositores como G. Kurtág, tendo também estreado várias obras de compositores espanhóis. Gravou uma substancial discografia (Harmonia Mundi) que inclui peças de compositores espanhóis como Arriaga e Toldrá, clássicos vienenses de Mozart, J. Haydn, Schubert e Brahms, ou obras de Bartók, Kurtág e Ligeti. Em reconhecimento da sua importante contribuição para a vida cultural da Catalunha, o Quarteto Casals foi nomeado embaixador da cultura catalã pela Generalitat de Catalunya e pelo Institut Ramon Llull. Anteriormente, foi distinguido em Espanha com o Prémio Nacional da Música, o Prémio Nacional de Cultura da Catalunha e o Prémio Cidade de Barcelona. Os seus músicos tocam regularmente os instrumentos da coleção Stradivarius do Palácio Real de Madrid, onde o quarteto estará em residência até 2020. É também quarteto residente da Escola Superior de Música da Catalunha, em Barcelona.



ANSELMO

1910

Joalheiros há mais de 100 anos

LISBOA

Chiado - Largo de São Carlos, nº1, +351 917 772 385
Amoreiras Shopping, Loja 2070/71, +351 916 183 962

PORTO

Rua das Carmelitas, nº70, +351 916 183 963

TORRES VEDRAS

Rua Serpa Pinto, nº20-22A, +351 917 772 419
Arena Shopping, Loja 1041, +351 917 842 952

www.anselmo1910.com

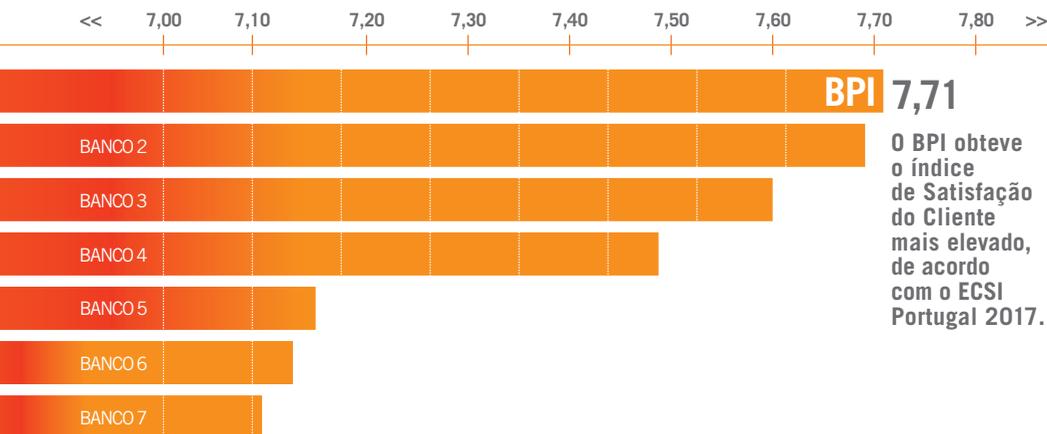


Nº1 na Satisfação dos Clientes.

O BPI é líder pelo 2º ano consecutivo na Satisfação dos Clientes, de acordo com o Índice Nacional de Satisfação do Cliente - ECSI Portugal 2017.



Este índice, baseado numa metodologia internacional comum, permite avaliar a qualidade dos bens e serviços disponíveis no mercado nacional, em vários sectores de actividade, com base em 8 dimensões: imagem, expectativas dos Clientes, qualidade apercebida, valor apercebido (relação preço/qualidade), satisfação, reclamações, confiança e lealdade. O ECSI Portugal é um estudo independente, desenvolvido anualmente pelo Instituto Português da Qualidade, pela Associação Portuguesa para a Qualidade e pela NOVA *Information Management School* da Universidade Nova de Lisboa.



O BPI obteve o índice de Satisfação do Cliente mais elevado, de acordo com o ECSI Portugal 2017.

Este estudo utiliza uma escala de satisfação de 1 a 10 e é realizado com recurso a 250 entrevistas telefónicas a Clientes de cada Banco/Marca estudado, com base numa amostra seleccionada de modo aleatório e extraída da população portuguesa.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA

Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO

AH-HA

TIRAGEM

400 exemplares

PREÇO

2€

Lisboa, Abril 2018

